

POPULARIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Recebido em 17 de agosto de 2020

Aprovado em 25 de agosto de 2020

Precisamos de falar sobre a língua

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v6i3.37726>

Marco Neves

Professor na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Doutorado em Línguas, Literaturas e Culturas, especialização de Estudos de Tradução. É investigador no centro de investigação CETAPS. Nos últimos anos, tem publicado várias obras na área da linguística portuguesa e escreve regularmente sobre a relação entre o galego e o português. É também tradutor e colunista.

E-mail: marconeves@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7648-9699>

Imaginemos uma conversa entre dois amigos, em que cada um conta uma história ou revela uma ideia ou conta a última notícia sobre outro amigo ou conhecido. Cinco minutos depois do fim da conversa, encontramos os dois amigos, em separado. Se lhes pedirmos para reproduzir a conversa, será que conseguiriam reproduzir as exactas palavras que tinham usado durante a conversa? Se tentassem, será que o resultado seria o mesmo de um lado e do outro?

Não: talvez conseguissem acertar nas ideias gerais e, mesmo assim, tenho sérias dúvidas. A nossa memória é limitada. Mais: a nossa capacidade para registar e analisar aquilo que fazemos com a língua é ainda mais limitada. E, no entanto, andamos convencidos de que sabemos tudo e mais alguma coisa sobre a nossa própria língua.

Sabemos muito: temos — todos! — uma gramática inteira na cabeça (que nunca é exactamente igual em duas cabeças, mas é suficientemente igual para que os dois amigos pudessem conversar). Temos palavras, muitas palavras — sabemos dezenas de milhares delas! Até uma criança de cinco anos tem alguns milhares de palavras na cabeça.

Temos esse conhecimento linguístico na cabeça, mas temos muita dificuldade em descrever explicitamente como, de facto, a língua funciona quando sai da nossa boca. E temos ainda mais dificuldade em descrever como a língua funciona nas bocas de todos os falantes que encontramos.

É um pouco como uma pessoa que corre: sabemos correr (melhor uns do que outros), mas saberemos descrever os movimentos dos músculos que estão envolvidos no processo? Nem por isso.

Ora, se é difícil descrever a língua, é muito fácil ter certezas quanto a essa mesma língua. Aliás, é fácil dizer coisas como “hoje os adolescentes só usam 300 palavras!”, um disparate como há poucos, e que é repetido — com números diferentes — por tantas pessoas, sem a mínima hesitação, só porque vai ao encontro de uma certa impressão... Ora, como confiar nas nossas impressões, se nem conseguimos reproduzir uma conversa que tivemos há cinco minutos? De impressões está o inferno cheio.

Até entre quem usa a língua de forma exímia é fácil encontrar quem caia nos mais crassos erros de análise sobre essa língua: quantos e quantos escritores não usam a língua de forma esplendorosa e, depois, repetem as mesmas impressões vagas sobre o uso da língua, sem fundamento?



Dizem-se umas quantas frases bombásticas, que acompanhem essas impressões gerais, e todos anuem com a cabeça. Dizemos “devia ser assim!” e todos concordam, quando nem sequer conseguimos descrever como as coisas são. Às vezes, até são como nós achamos que deviam ser — e nem reparamos...

O meu interesse pelas línguas e pela linguística vem de muito novo, quando procurava todos os livros que encontrasse sobre o fenómeno. Já depois de terminado o curso de línguas, comecei a trabalhar como tradutor. Ora, a tradução é um trabalho prático, de confronto entre línguas, de confronto entre visões da língua, de confronto entre culturas intelectuais. Entre dois tradutores ou entre tradutores e clientes ou leitores há por vezes barreiras mais altas que as barreiras das línguas.

Esse nexos de práticas e culturas espicaçou-me ainda mais a curiosidade intelectual na área das línguas e da tradução. Comecei a dar aulas e parti para a investigação. Empenhei-me, em simultâneo, num labor prático de divulgação do conhecimento linguístico através de vários livros e um website dedicado aos temas da língua (*Certas Palavras*).

Nos textos que escrevo tento despertar a curiosidade ou mesmo o espanto pelos fenómenos linguísticos. Tento também responder à necessidade de quem usa a língua profissionalmente (como os tradutores) de ter orientações claras, uma norma com que trabalhar. A espantosa variedade linguística e a(s) norma(s) conjugam-se numa tensão tão insanável quanto interessante. Esta tensão é empolada pelos promotores da *norma curta* (um fabuloso termo de Carlos Faraco¹, que o contrapõe a «norma culta» e «norma-padrão»). A norma curta é uma norma ilusória, composta de regras arbitrárias baseadas em ideias erradas sobre a relação entre a língua e a lógica e sobre a origem da gramática.

A norma curta é um fenómeno marginal na floresta que é a língua e os seus usos. Mas é um fenómeno com uma importância diria ideológica desmesurada. Os linguistas podem passar a vida a investigar a língua para descobrir que grande parte do público leitor só quer saber das regras de etiqueta propaladas pelos cultores da tal norma curta, confundindo-a com a verdadeira norma ou com (que disparate) a *verdadeira língua*. Para combater essa norma curta, escrevi um *Dicionário de Erros Falsos e Mitos do Português*. Parece-me ser um combate necessário, não só como defesa do conhecimento linguístico, como também porque a norma curta torna o trabalho de tradutores e outros operários da língua mais frágil, ao sujeitá-los a critérios arbitrários e sem real fundamento linguístico. Mas não tenho ilusões: a língua é sempre campo de batalha e temos de sujar as mãos nesse campo. Por vezes, parece inútil. Mas fui conhecendo leitores dos artigos e livros que escrevo que me garantem ter descoberto uma outra visão da língua, mais próxima do trabalho linguístico. Vale a pena divulgar o que descobrem os linguistas.

¹ Carlos Faraco, *Norma Culta Brasileira*, Parábola, 2008.

Vale a pena — mas é difícil. O público leitor — mesmo o mais informado — quase sempre prefere, no que toca à língua, as regras simples (às vezes inventadas), o catastrofismo, as teorias puxadas pelos cabelos, as certezas rápidas e fortes... O trabalho do linguista sério implica saber o que não se sabe. Implica lutar contra esse círculo da ignorância que nos envolve, mas sem negar que ele existe e continuará a existir. Implica falhar, tentar de novo, oferecer teorias ao teste dos factos. E os factos são a língua e o uso da língua, no presente e nos registos que nos chegam do passado.

Como é que se transmite este conhecimento de maneira que saia do círculo íntimo dos já interessados, dos colegas, dos outros linguistas? Aí está outro problema: um problema de uso da língua. E aí quem estuda a língua tem um problema parecido com qualquer outro especialista. Não tem mais à-vontade nem qualquer vantagem. É difícil, mas é preciso: é preciso contrariar essas impressões gerais, que levam uma grande parte da população a olhar para a língua como um campo de minas, como algo frágil, que temos de usar com pinças, como algo que está em decadência permanente. Esta visão catastrofista leva a medos e bloqueios em quem sente insegurança perante a norma e precisa de escrever. Estamos num ponto da História da língua em que a população escreve muito mais do que era habitual — e a escrita é difícil. A tal gramática que todos temos na cabeça, quando passa para o papel, parece um actor com as falas por decorar. Também aí os linguistas, quem estuda as línguas e, permitam-me incluir a minha disciplina particular, os Estudos de Tradução têm um papel importante. Promover a insegurança e a norma curta quando a língua escrita é essencial para a vida de milhões é uma inconsciência.

Já descrevi algumas dificuldades: não sabemos descrever a língua, mas achamos que sim; temos dificuldade em aceitar o conhecimento mais sólido, que se faz de poucas certezas e muitas dúvidas; somos atraídos pelas impressões vagas. Mas há mais: a língua funciona como um músculo, mas um músculo que muda de grupo para grupo. Cada um de nós tem a identidade à mostra na língua. A língua é a concretização física da nossa pertença a uma ou várias comunidades. Ora, somos seres tribais. O coração bate mais forte quando falamos das muitas tribos de que fazemos parte. Assim, este assunto mexe connosco — e leva-nos a ter dificuldade em falar dele de forma serena, informada. Se isto é assim quanto ao uso da língua no presente, o que dizer quanto ao passado? O que dizer quanto à idade das palavras, à origem das palavras, ao percurso das palavras? O que dizer quanto aos processos antigos, que se foram desenrolando sem que os falantes reparassem conscientemente neles, e que deram origem à língua que temos hoje? É difícil investigar e depois mostrar como aquilo que se descobre nem sempre vai ao encontro das ideias-feitas incrustadas nas narrativas históricas simplistas com que construímos muitas das nossas identidades.

Temos de reconhecer: é difícil, nestas condições, escrever sobre a língua e divulgar o conhecimento linguístico. Mas é preciso investigar e é preciso divulgar. Diria mais: é preciso

empolgar quem lê com a visão mais realista da língua, mais justa, mais científica. Para tal, precisamos de soluções de comunicação, precisamos de criatividade linguística. Precisamos de escrever cada vez mais e melhor sobre línguas e linguística e precisamos, também, de conversar sobre línguas sem cessar — mesmo que não nos lembremos das palavras exactas que dissemos há cinco minutos.